

ORIENTAÇÃO SEXUAL: PERCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE A SEXUALIDADE E A ORIENTAÇÃO SEXUAL ESCOLAR

Icaro Arcênio de Alencar Rodrigues¹
Patrícia Gomes Galdino²
Paula Falcão Carvalho Porto de Freitas³

Resumo

A sexualidade é muito importante para o desenvolvimento da personalidade dos adolescentes, contudo diversos autores salientam que alguns passam por conturbações, devido a mitos, preconceitos e tabus aprendidos socialmente. Devido à Escola ter a função de abordar a Educação Sexual, de modo crítico, ético e educativo, buscou-se identificar as percepções de 52 estudantes dos 1^{os} anos dos cursos Técnicos Integrados do IFPB - *Campus* Campina Grande, sobre Sexualidade, por meio de questionário. Objetivou-se, também, traçar como eles conceituavam e vivenciavam a sexualidade e a disponibilidade destes para participarem de oficinas de Orientação Sexual. Os dados obtidos foram analisados de acordo com uma abordagem qualitativo-quantitativa. O maior número de estudantes (96,15%) relatou já ter recebido Orientação Sexual, e a grande maioria (53,84%) destes afirmaram que foram orientados pela família. A maior parte dos estudantes (80,76%) declarou sentir-se à vontade e preparada para expressar a sexualidade, sendo esta compreendida como algo natural por 94,23% dos alunos. A maioria (69,23%) apontou o acasalamento como ato que mais representa a expressão da sexualidade e 71,15% declarou sentir-se preparada para vivenciarem a sexualidade com segurança. A Orientação Sexual foi expressa como ato de conscientização e preparação por 59,61% e, igualmente, 84,61% respondeu que desejava participar das oficinas sobre Educação Sexual, para adquirir mais conhecimento e preparação (69,23%). A maior parte dos discentes (94,23%) apontou que os pais permitiriam a participação destes, por meio de apoio explícito (42,30%). Desta forma, percebeu-se que a maioria dos estudantes se posiciona sobre a importância da Orientação Sexual como forma de preparação para um acontecimento que é compreendido como natural, assim como se observa que existe o apoio e a compreensão de que a Orientação Sexual Escolar é relevante para o processo de desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação. Adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

Uma das tarefas atribuídas às instituições escolares na atualidade é a de Orientação Sexual, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Esta orientação tem as características de não-diretividade, coletividade e reflexão sobre as informações recebidas pelos jovens por meio da mídia, da família e das demais instituições

¹ Psicólogo do IFPB, Campus Campina Grande. Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial. E-mail: kikoicaro@hotmail.com.

² Assistente Social do IFPB, Campus Campina Grande. Especialista em Historiografia e Ensino da História.

³ Médica do PSF do Município de Campina Grande, PB. Especialista em PSE. Médica do IFPB, Campus Campina Grande. cursando Capacitação em Terapia Sexual.

sociais, com o intuito de ajudar os educandos a formar opinião a respeito do que lhes foi apresentado, de modo a permitir que estes possam eleger as atitudes que sejam coerentes aos próprios valores. (BRASIL, 2006).

A Orientação Sexual, em especial, para o público adolescente compreende uma tarefa fundamental, pois estes vivenciam uma maturação orgânica que os eleva à condição de seres com capacidade reprodutiva, além das questões sociais e de saúde envolvidas nesse processo de desenvolvimento, como a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis.

Saito e Leal (2000) afirmam que é impostergável a educação sexual na educação de crianças e adolescentes e a omissão sobre essa tarefa poderá trazer consequências danosas para o presente e o futuro das gerações. Para comprovar essa afirmativa, as autoras apontam o aumento do número de gravidez na faixa etária entre 11 a 15 anos.

Contudo, mesmo com o entendimento de que a Orientação Sexual é fundamental para o público estudante adolescente, nem todos os centros educativos tem essa temática estruturada no currículo de formação do alunado.

Em entrevista ao Jornal Correio da Paraíba, o Psicólogo Dimas Lucena aponta que, na prática, os alunos recebem informações eventuais e não dispõe de programas estruturados e continuados nas escolas, sejam estas públicas ou particulares. Para ele, as escolas estão mais vinculadas a práticas discriminatórias, o que dificulta o desenvolvimento do processo educativo. Dimas Lucena destaca que a temática deveria ser abordada de acordo com a faixa etária, para que seja adequada à compreensão cognitiva, à linguagem e ao estágio do desenvolvimento psicosssexual. (ESCARIÃO, 2009).

De forma complementar, Silva (1999) afirma que a família e a escola necessitam abrir espaços de debate sobre questões ligadas à sexualidade, tais como estereótipos de papel de gênero, de identidade sexual e de orientação sexual com vistas a facilitar que homens e mulheres possam se sentir e se relacionar de maneira mais satisfatória e menos conflituosa com os respectivos papéis sexuais demandados pelas novas formas sociais.

Destarte, a presente pesquisa visa investigar, por meio de questionário, quais as percepções sobre sexualidade dos estudantes cursistas dos primeiros anos dos Cursos Técnicos – Integrados de Informática, Manutenção e Suporte em Informática, Mineração, Petróleo e Gás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – Campus Campina Grande. Como objetivos específicos, busca-se analisar como eles conceituam e vivenciam a própria sexualidade e identificar a disponibilidade destes estudantes em participar de Oficinas permanentes de Orientação Sexual intituladas *A Educação Sexual como Prática do Desenvolvimento Sustentável*, parte integrante do projeto *Educação Sexual: uma prática a ser desenvolvida*, a serem ministradas pela equipe multiprofissional da Coordenação de Apoio ao Estudante do IFPB - Campus Campina Grande.

Para tanto este trabalho apresenta a seguinte estrutura: a primeira aborda a metodologia de pesquisa utilizada, caracterizada como de levantamento e bibliográfica em relação aos procedimentos, e quali-quantitativa quanto à abordagem de análise dos dados; em seguida faz-se uma fundamentação teórica a respeito da adolescência e a importância de Orientação Sexual para este público; posteriormente delinea-se a análise dos dados obtidos dos questionários respondidos e, por último, são tecidas as considerações finais.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa pode ser caracterizada, quanto aos objetivos, como descritiva. Segundo Gil (1999) a pesquisa descritiva visa delinear características de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de

relações entre as variáveis.

Esse estudo teve como base dois tipos de procedimentos: a Pesquisa ou Revisão Bibliográfica e o Levantamento.

Uma pesquisa bibliográfica foi feita para subsidiar e justificar a importância deste estudo. Conforme Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é construída através de material elaborado, podendo ser: livros, periódicos científicos, teses, dissertações, anais de encontros científicos e periódicos de indexação.

Cervo e Bervian (1983, p. 55) definem a pesquisa bibliográfica como aquela que

(...) explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema”.

Já a Pesquisa de Levantamento é caracterizada pela solicitação de informações a um grupo de pessoas sobre o problema estudado, para, em seguida, obter as conclusões correspondentes (GIL, 1999).

No tocante ao calendário de pesquisa, este estudo é classificado como transversal. No estudo transversal, os dados são coletados em um momento e costumam usar a metodologia de pesquisa de levantamento. (GRAY, 2012).

Esta pesquisa foi realizada com um grupo de 52 alunos, em junho de 2011, cursistas dos primeiros anos dos Cursos técnicos – integrados em Informática, Manutenção e Suporte em Informática, Mineração, Petróleo e Gás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Campina Grande, no mês de junho de 2011.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário criado pelos próprios autores contendo 18 questões, com perguntas abertas e de múltipla escolha, voltadas para identificar o perfil etário, o gênero biológico, a religião e a questões relacionadas à sexualidade e o processo de Orientação Sexual dos discentes participantes (ver Apêndice A). A escolha pelos alunos das primeiras séries dos cursos técnicos - integrados deveu-se à necessidade de se conhecer melhor os alunos mais novos em relação à experiência de orientação sexual e, indiretamente, formar um banco de dados para fundamentar oficinas permanentes sobre Orientação Sexual com caráter preventivo a serem ministradas durante o segundo semestre do ano letivo atual e posteriores.

Inicialmente, a equipe de Assistência ao Estudante, composta, no momento pelo Psicólogo e pela Médica do Campus, comunicou aos pais a pesquisa a ser realizada com os alunos durante um Plantão Pedagógico em maio de 2011. Nesse momento foram repassados os objetivos da pesquisa e a justificativa para tal atividade. Posteriormente, passou-se nas turmas referidas para explicar sobre a presente pesquisa, assim como entregar uma cópia do questionário e fornecer informações sobre o preenchimento deste, juntamente com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um Cartaz sobre as oficinas de Orientação Sexual a serem ministradas no segundo semestre.

Após o recebimento dos questionários, a análise de dados foi feita com base em uma abordagem

quantitativa-qualitativa, já que esta não se prende apenas a aspectos subjetivos, mas também aos numéricos (MINAYO, 1993).

As questões abertas foram categorizadas para melhor compreensão. Os resultados de maior expressividade numérica foram relatados. Tabelas apresentarão as questões de múltipla escolha.

Após coletados, os dados foram submetidos a uma análise que os comparou à teoria advinda da fundamentação teórica do trabalho, pois como aponta Thiollent (1980), a articulação entre teoria, metodologias e técnicas de pesquisa proporciona a fidedignidade da pesquisa.

Esta pesquisa foi analisada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba e aprovada no dia 18 de abril de 2011 (CAAE: 0125.0.133.11).

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL

A sexualidade está presente na vida do ser humano desde o nascimento, como mostra Gentile (2006) ao afirmar que, desde bebê, o ser humano sente prazer em tocar o próprio corpo e descobrir as diferentes sensações que ele pode proporcionar. Contudo, nem sempre a sexualidade é bem compreendida ou vivenciada de maneira adequada

Se a sexualidade está presente na vida dos seres humanos desde os primórdios da existência destes, em que consiste o termo Sexualidade?

Pode-se definir sexualidade, de acordo com a Organização Mundial da Saúde como uma necessidade básica, um aspecto humano que não pode ser separado dos demais aspectos vitais. O termo sexualidade também pode ser definido como a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade. Ela não é sinônimo de coito e não é limitada à presença ou não de orgasmo. Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, a saúde física e a mental. Ela deve ser considerada um direito humano básico, já que a saúde é um direito fundamental. (BRASIL, 2006).

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano na qual a sexualidade tem papel fundamental para o desenvolvimento da personalidade. Todavia, nem todos os adolescentes têm oportunidade de passar por essa fase sem conturbações.

Segundo Davidoff (1983) a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano situada entre os treze anos aos dezoito anos aproximadamente. A autora relata que o adolescente mais jovem é confrontado com mudanças muito rápidas em altura e calibres corpóreos, maturação sexual, novas capacidades cognitivas e diversas exigências e expectativas da família, amigos e sociedade, além de ser uma época de formação de identidade.

É na puberdade, fase do desenvolvimento sexual circunscrita no período da adolescência, que as gônadas masculinas e femininas são estimuladas a produzirem os hormônios sexuais, dando início ao aparecimento dos caracteres sexuais secundários: crescimento dos pelos pubianos, aumento do tamanho dos órgãos genitais, modificações no timbre de voz, arredondamento de formas, desenvolvimento do seio nas meninas, crescimento

de barba nos meninos, caracterizando, desta forma, o princípio da capacidade reprodutiva em ambos os sexos biológicos. (SILVA, 1999).

Como se pode observar, várias são as mudanças e exigências que permeiam o universo do adolescente. Como em qualquer mudança, podem surgir dúvidas que podem ser esclarecidas, ou não. E mesmo para aquelas que são explicadas, é imprescindível que estas sejam pautadas em informações seguras e que propiciem a autonomia dos jovens. Todavia, nem sempre o caminho da comunicação entre jovens e adultos a respeito da sexualidade é simples.

Escarião (2009) expressa as dificuldade de compreensão dos adolescentes sobre a temática da sexualidade:

Orgasmo, masturbação, virgindade, primeira vez, métodos anticoncepcionais, gravidez, homossexualidade, doenças sexualmente transmissíveis. Esses são alguns dos temas que enchem a cabeça dos adolescentes de dúvidas e têm respostas não tão fáceis para quem está nessa fase. (ESCARIÃO, 2009, B1).

Apesar de que o desenvolvimento da sexualidade ocorre durante toda a vida e, especialmente, na adolescência ela adquire um caráter diferenciado, muitas vezes esse processo é deixado de lado, no que tange a troca de informações entre alunos e instituição escolar.

As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, esconder ou reprimir são respostas comuns dadas por profissionais da escola, baseados na idéia de que a sexualidade é assunto para ser lido apenas pela família, todavia muitos outros agentes, sejam crianças, jovens e adultos, transmitirão idéias, tabus, preconceitos, estereótipos, os quais serão incorporados à educação sexual deste jovem. (PCNs, 1997).

Após a infância, o adolescente é cobrado por parte dos pais e da sociedade para que se defina sexualmente e profissionalmente, ou seja, revele sua identidade pessoal. E essas cobranças, geralmente não vêm acompanhadas de um diálogo familiar que demonstre apoio e compreensão, fazendo com que o adolescente tenha que lutar sozinho nesta estrada de descobertas.

Essa cobrança desprovida de diálogo e orientação revela que falta ainda à família e à escola a função de escuta e orientação: “Pais e professores acusam, com freqüência, os adolescentes de não saberem o que querem. Certamente os adolescentes estariam, muitas vezes, em seu direito, se respondessem aos pais e educadores que estes não sabem o que lhes oferecer.” (PALÁCIOS, 1995, p.268)

Embora, historicamente haja uma dificuldade na comunicação entre família, escola e adolescente sobre sexualidade, nota-se, em alguns casos, algumas mudanças nesse padrão. Borges, Nichiata e Schor (2006) realizaram uma pesquisa com 383 adolescentes entre 15 e 19 anos, matriculados numa unidade de saúde da Zona Leste de São Paulo/SP, os quais apontaram que, apesar de as maiores fontes de esclarecimento de assuntos ligados ao sexo eram os amigos, enfatizaram também que dúvidas sobre prevenção de gestação eram debatidas com os pais, mães e outros familiares, e aquelas sobre doenças sexualmente transmissíveis e AIDS eram discutidas com professores e profissionais da saúde. Compreende-se que foi criado um espaço nas famílias e nos ambientes educacionais para o diálogo sobre sexualidade.

Não só a família e o ambiente educacional são importantes influenciadores do adolescente, no que diz respeito à sexualidade, mas, também, a mídia, os amigos, assim como o próprio desconhecimento sobre as transformações corporais e psíquicas influenciam essa fase importante da existência, às vezes de forma a tornar a

própria vida prejudicial.

Segundo Ozzela (2002) os meios de comunicação incentivam uma erotização exagerada, uma individualização extremamente competitiva e não incentivam a prática do diálogo familiar, e a valorização do amor e do respeito.

Fizzotti (1997) acrescenta que as produções pornográficas visam lucrar o máximo em cima dos problemas afetivo-sexuais das pessoas, sob a ideologia da liberdade sexual, que na realidade é a prisão sexual, pois, de certa forma, torna as pessoas viciadas em sexo, a ponto de correrem ao encontro dele a todo custo. O autor denomina essa metodologia midiática de indústria do prazer.

A carência de uma orientação sexual adequada, não só no que tange à informação, mas também no que diz respeito ao controle dos impulsos, pode levar o jovem a atitudes de risco, as quais são passíveis de prejudicar a qualidade de vida destes:

Da iniciação sexual, que ocorre cada vez mais cedo, à opção pelo casamento, que ocorre cada vez mais tarde, há um período longo, no qual o compromisso estabelecido por uma relação duradoura (como o noivado, há algum tempo) ainda não está decididamente instalado. Como decorrência destes fatores, os jovens decidem relacionar-se sexualmente e, com mais frequência, com diferentes parceiros, aumentando o risco de contágio pelo HIV (...). Apesar das inúmeras campanhas públicas de prevenção à AIDS (a principal delas incentiva o uso da camisinha), sabe-se que o comportamento do jovem tende a ser negligente e que ele confia, basicamente, na sorte. Um dos fatores psicológicos que o leva a essa negligência é a fantasia de onipotência. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 298).

Abdo (2004), em pesquisa sobre a vida sexual do brasileiro, revelou que a idade média de iniciação sexual por faixa etária para os homens foi de 14,7 anos, para aqueles entre 18 e 25 anos; 15,9 anos para os homens entre 26 e 60 anos e 16,4 para aqueles acima de 60 anos. No que se refere às mulheres a idade média na primeira relação sexual foi de 17,2 anos para as mulheres entre 18 e 25 anos; para as demais, a idade em que ocorreu a primeira relação sexual foi acima dos 18 anos. Essa pesquisa expõe que, na maior parte das vezes, é na adolescência, primordialmente para o público masculino, o período do desenvolvimento humano em que ocorre o primeiro coito.

Pode-se questionar se esses jovens, diante das dificuldades de comunicação entre família e educadores, assim como pela influência de uma sociedade que, por meio da influência midiática-consumista e que incentiva o prazer a todo custo, os adolescentes de hoje estão preparados para vivenciar a própria sexualidade de forma segura e autônoma.

Consequentemente, percebe-se que o adolescente precisa estar amadurecido para poder exercer a sua sexualidade em seu sentido pleno. Portanto, para que ocorra um amadurecimento efetivo na adolescência, Pigozzi (2003) aponta cinco categorias, as quais indicam que a pessoa está suficientemente madura para exercer atividades exigidas pela vida adulta: desenvolvimento do raciocínio abstrato, expresso pela compreensão de código de valores; habilidade em substituir interesses individuais e imediatistas em prol dos interesses do grupo; capacidade de cortar os intensos laços de dependência que unem à família de origem, principalmente os psicológicos, poendo assumir a responsabilidade pela própria vida, não mais culpando os pais por tudo que ocorre ou ocorreu; aptidão para construir um relacionamento com outra pessoa, estabelecendo um investimento afetivo e sexual e independência econômica e consequente exercício da autonomia.

Cabe, consequentemente, à escola, ambiente de capacitação do ser para o uso consciente da cidadania, propiciar para os jovens momentos e espaços para a sondagem, o debate e a informação das questões que envolvem a sexualidade, pois este espaço educacional também não está excluído de manifestações de sexualidade.

A sexualidade na escola não é percebida apenas em inscrições em paredes, muros e portas de banheiro, mas por meio da convivência dos alunos, da influência dos adultos no ambiente escolar, como por exemplo, por meio da gravidez de uma professora, desta forma, os estudantes testam, questionam e tomam como referência a percepção que eles têm da sexualidade dos professores, às vezes desenvolvendo fantasias, buscando os seus próprios parâmetros. Portanto, cabe à instituição escolar promover ação crítica, reflexiva e educativa. (PCNs, 1997).

Para tanto a instituição educativa, no uso de suas atribuições, deve trabalhar a educação para a

responsabilidade, a qual possa apresentar ao estudante a possibilidade de ser consciente e responsável pelos próprios atos.

Para Frankl (1990) a educação deve ser educação para a responsabilidade. Ser responsável é possuir capacidade para escolher, pois se vive na sociedade da pílula e da superexcitação pelos meios de comunicação de massa. Se não se deseja sucumbir na total promiscuidade desta avalanche de sensações, deve-se aprender a distinguir o que é essencial do que não o é, o que tem sentido do que não tem.

Compreende-se, deste modo, que a Orientação Sexual Escolar é uma ferramenta basilar e indispensável na formação dos adolescentes, pois corrobora para o uso responsável da própria sexualidade. Altman (2007) numa pesquisa com 30 alunos do Ensino Fundamental com idade média de 14 anos, sobre a idealização da primeira relação sexual, identificou que os alunos entrevistados referiram o uso da camisinha como essencial durante a primeira relação sexual, e que, portanto, haviam incorporado os ensinamentos escolares de Orientação Sexual preventiva.

Conseqüentemente, esse trabalho dará suporte a oficinas de Orientação Sexual a serem ministradas para o mesmo público numa tentativa de escutar as experiências e conhecimentos dos próprios alunos, esclarecer cientificamente dúvidas sobre essa temática, fortalecendo a autonomia através da responsabilidade com a própria vida, pois, atualmente, é dever da escola desenvolver competências para a proteção e o autocuidado, o respeito mútuo e a solidariedade na educação sexual. (Brasil, 2006).

Cabe, agora, apresentar os dados obtidos nos questionários, correlacioná-los aos objetivos pretendidos, e compará-los com a fundamentação teórica deste trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram separados por categorias. A seção 3.1 abordará o perfil etário, gênero biológico e a religião dos participantes. Na seção 3.2 serão tratados os dados referentes à sexualidade e Orientação Sexual.

4.1 PERFIL ETÁRIO, DE SEXO BIOLÓGICO E RELIGIOSO

As questões 1, 2 e 3 do questionário aplicado, apresentados pelas tabelas 1, 2 e 3, referem-se à idade, ao sexo biológico e à religião dos alunos participantes da pesquisa.

Tabela 1 – Perfil etário dos participantes

Idade (anos)	Número	%
14	17	32,69
15	23	44,23
16	8	15,38
17	2	3,84
25	1	1,92
Não respondeu	1	1,92

Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se que a maioria dos estudantes tem idades abaixo dos 18 anos, situação que os enquadra no período da adolescência, e, a grande parte dos participantes (44,23%) tem 15 anos de idade.

Tabela 2- Sexo biológico dos alunos

Gênero biológico	Número	%
Masculino	24	46,15
Feminino	26	50,00
Não respondeu	2	3,84

Fonte: Dados da pesquisa

O número de estudantes dos sexos biológicos masculino e feminino foi bastante idêntico, com uma ligeira vantagem para o gênero feminino com 50% de participantes.

Tabela 3 – Religião Professada

Religião	Número	%
Católica Romana	29	55,76
Protestantismo histórico	9	17,30
Pentecostal	5	9,61
Espírita Kardecista	-	-
Umbanda	-	-
Outras	4	7,69
Nenhuma	5	9,61

Fonte: Dados da pesquisa

A maioria dos alunos que responderam ao questionário se declarou como pertencente à religião católica romana (55,76%).

4.2 SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL

As perguntas 4 a 18 (ver Apêndice A) buscaram verificar nos estudantes o conceito e exemplos de manifestação da sexualidade, se estes já haviam recebido orientação sexual e por meio de quais agentes, como vivenciavam a própria sexualidade, no que diz respeito à autopercepção de estar ou não preparado para iniciar um relacionamento sexual e qual o tempo adequado para isto. Buscou-se também identificar qual era a concepção de Orientação Sexual, e, se os pais ou responsáveis destes discentes permitiriam a participação dos mesmos em oficinas sobre Orientação Sexual escolar.

Tabela 4 – Histórico de Orientação Sexual

Recebeu Orientação Sexual	Número	%
Sim	50	96,15
Não	2	3,84

Fonte: Dados da pesquisa

A maioria expressiva dos discentes afirmou ter recebido Orientação Sexual (96,15%).

Tabela 5 – Agentes de Orientação Sexual

Religião	Número	%
Família	28	53,84
Escola	27	51,92
Amigos	20	38,46
Outros	3	5,76

Fonte: Dados da pesquisa

Identifica-se que a família dos alunos participantes da pesquisa foi o agente mais influente de Orientação Sexual (53,84%). Observa-se que a escola igualmente tem papel significativo (51,92%). A mídia e a igreja foram citadas como outras fontes de Orientação Sexual. Esse resultado contradiz as referências que apontam que a família tem deixado de lado a responsabilidade pela Orientação Sexual.

Apesar de que a família e a escola são citadas por Palácios (1995) como não facilitadores do diálogo sobre questões relacionadas à adolescência, esses resultados apresentam que os pais e as instituições de ensino têm exercido o papel de orientadores sexuais, questão esta fundamental para o desenvolvimento humano e, conseqüente, promoção da qualidade de vida.

Tabela 6 – Expressão da Sexualidade

Sente-se à vontade para expressar a própria sexualidade	Número	%
Sim	42	80,76
Não	10	19,23

Fonte: Dados da pesquisa

A maior parte dos estudantes relatou se sentir à vontade para expressar a própria sexualidade (80,76%). De acordo com a categoria das respostas, a maioria dos estudantes justificou que se sentiam à vontade para expressar a própria sexualidade, pois achavam o assunto natural (38,46%).

Tabela 7 – Compreensão do Termo Sexualidade

Definição	Número	%
Algo natural	49	94,23
Algo imoral	1	1,93
Outros	2	3,84

Fonte: Dados da pesquisa

O maior número de participantes respondeu que compreendia a sexualidade como algo natural (94,23%). Desta forma, o entendimento da sexualidade como algo natural corrobora com a resposta que justificou o porquê da maioria sentir-se à vontade para expressá-la. Depreende-se, também, das respostas dos alunos que, para a população da pesquisa, a sexualidade não tem mais o status de tabu antes percebido nas relações familiares, pois é abordada no seio familiar, assim como é interpretada como algo natural.

Tabela 8 – Atos que Tipificam Expressão da Sexualidade

Definição	Número	%
Beijar	28	53,84
Namorar	33	63,46
Acasalamento	36	69,23
Alimentar-se	1	1,93
Realizar necessidades fisiológicas	7	13,46
Outros	7	13,46

Fonte: Dados da pesquisa

O acasalamento foi a ato, de acordo com a maioria, que mais representa a expressão da sexualidade (69,23%). Esses dados podem denotar que os alunos têm uma visão tradicional do que significa a sexualidade, a qual pode ser definida como uma energia que motiva o encontro do amor (BRASIL, 2006).

Tabela 9 – Percepção de estar preparado para vivenciar a sexualidade de modo seguro e saudável

Sentem-se preparados	Número	%
Sim	37	71,15
Não	13	25,00
Respostas Inválidas	2	3,84

Fonte: Dados da pesquisa

Grande parte dos jovens afirmou estar preparada para a vivência da sexualidade com segurança e saúde (71,15%). Dentre as respostas, a maioria alegou sentir-se bem orientada ou preparada (28,84%). Esse quesito corrobora com as afirmativas que apontam que a maior quantidade dos alunos se sente orientada sexualmente, principalmente pela própria família, como apontam Borges, Nichiata e Schor (2006). Dois alunos assinalaram as

duas alternativas (3,84%).

Na questão referente ao tempo percebido como certo para se iniciar um relacionamento sexual, 30,76% dos discentes pontuaram que o momento certo incide na autopercepção de sentir-se preparado ou maduro para tal fato. Amadurecimento mental, ter certeza do que está fazendo e estar preparado para as consequências; a obtenção de estabilidade emocional e financeira, assim como a existência entre o casal de um verdadeiro sentimento foram exemplos citados como respostas que categorizavam a percepção de amadurecimento ou preparação para o início de um relacionamento sexual.

Essas respostas vão ao encontro das cinco características que indicam amadurecimento, segundo Pigozzi (2003): maturidade intelectual, cooperação, autonomia, independência econômica e amor.

No quesito definição de Orientação Sexual, a maior parte dos alunos (59,61%) considerou-a como uma forma de preparação e conhecimento. Citou-se, por exemplo, que a orientação sexual era uma forma de esclarecimento de questões sobre sexo e uma forma de orientação aos estudantes, para que estes iniciem e

vi **Tabela 10 – Desejo de participar de Oficinas de Orientação Sexual**

Desejam Participar	Número	%
Sim	44	84,61
Não	6	11,53
Sem resposta	2	3,84

Fonte: Dados da pesquisa

A maior porcentagem de estudantes (84,61%) apontou desejo de participar de Oficinas de Orientação Sexual e 69,23% destes jovens justificaram este desejo pela motivação de adquirir maior experiência. Depreende-se destes dados que apesar da Orientação Sexual recebida pela maioria dos discentes, existe ainda a necessidade de receber mais preparação.

Tabela 11 – Percepção sobre a permissão dos pais para Orientação Sexual Escolar

Pais/responsáveis aceitariam a participação dos filhos nas oficinas de Orientação Sexual	Número	%
---	--------	---

Sim	49	94,23
Não	3	5,76

Fonte: Dados da pesquisa

Um número expressivo de participantes revelou entender que os pais ou responsáveis aceitariam a participação destes em oficinas de Orientação Sexual (94,23%). O apoio explícito dos pais foi a categoria mais citada como explicação para esta aceitação (42,30%). Gentile (2006) alega que a escola tornou-se o principal espaço de educação sexual dos jovens, motivado, muitas vezes, pelo constrangimento dos pais em tratar do assunto com os jovens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de que o desenvolvimento humano circunscreve o desenvolvimento sexual como característica universal para todos, a sexualidade é uma temática que gera muitas dúvidas e nem sempre existe um canal de comunicação aberto entre família, escola e alunos, especialmente na adolescência, período no qual as mudanças corporais e as pressões sociais dificultam ainda mais essa questão. Essas dificuldades relacionais e de comunicação podem favorecer o uso da sexualidade de forma imatura e, conseqüentemente, conduzir os jovens para conseqüências danosas para a saúde, a educação e o convívio social.

O presente trabalho identificou que para os discentes participantes, a maior parte destes recebeu orientação sexual, e, a família exerceu o principal papel de orientação sexual. A Orientação Sexual foi percebida como fator de preparação e a maturidade foi a condição basilar para o início de uma relação sexual. Os pais ou responsáveis destes estudantes foram percebidos como apoiadores da Orientação Sexual escolar, no qual os filhos seriam participantes.

Os jovens participantes da pesquisa, na sua maioria, se sentiam preparados para exercer a própria sexualidade e o acasalamento foi o ato mais apontado como aquele que mais representa a sexualidade.

Algumas variáveis podem ainda ser mais exploradas, como a influência da religião sobre o conceito e a vivência da sexualidade, e, também, como as instituições de ensino que exerceram o papel de orientadores sexuais para os alunos pesquisados abordaram essa temática com os alunos.

Pode-se depreender destes resultados que a Orientação Sexual Escolar é percebida como uma atribuição respeitada e importante para o desenvolvimento dos jovens.

SEXUAL ORIENTATION: PERCEPTIONS OF STUDENTS ABOUT SEXUALITY AND SEXUAL ORIENTATION SCHOOL

Abstract

Sexuality is very important for the personality development of adolescents, however, several authors point out that some undergo disruptions due to myths, prejudices and taboos learned socially. Because the school play a role in addressing the sexual education, so critical, ethical and educational, we sought to identify the perceptions of 52 students from 1st years of technical courses Integrated IFPB - Campus Campina Grande on Sexuality, by means of a questionnaire. We will also outline how they conceptualized and experienced sexuality and their willingness to participate in workshops on Sexual Orientation. The data were analyzed according to a qualitative-quantitative approach. The largest number of students (96.15%) reported sexual orientation have received, and the vast majority (53.84%) of these said they were told by the family. Most students (80.76%) said he feels comfortable and ready to express their sexuality, which is understood as something natural for 94.23% of the students. The majority (69.23%) showed mating as an act that is more the expression of sexuality and 71.15% said he feels prepared to experience sexuality safely. Sexual Orientation is expressed as an act of awareness and preparation by 59.61% and 84.61% also said he wanted to participate in workshops on sex education, to acquire more knowledge and preparation (69.23%). Most students (94.23%) indicated that parents would allow their participation, through explicit support (42.30%). Thus, it was realized that most students will position the importance of sexual orientation as a way of preparing for an event that is perceived as natural, as we have that there is support and understanding that sexual orientation of the school is relevant to the process of human development.

Keywords: Sexuality. Education. Adolescent.

REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita, H. N. **Estudo da Vida Sexual do Brasileiro**. São Paulo: [s.n.], 2004.

ALTMAN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 15, n. 2, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a04v15n2.pdf>>. Acesso em 07 ago. 2011.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13 ed. rev. e amp. São Paulo: Saraiva, 1999. 368 p.

BORGES, Ana Luiza Vilela; NICHATA, Lúcia Yasuko Izumi; SCHOR, Néia. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, jun. 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/v14n3a17.pdf>>. Acesso em 11 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e Prevenção nas escolas**: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

ESCARIÃO, Renata. Ensino de má qualidade cria barreiras: educação sexual é tabu nas escolas. **Correio da Paraíba**, Paraíba, 23 ago. 2009. Cidades, B1 – B3.

FIZZOTTI, Eugênio. **Conquista da Liberdade**: Proposta Logoterápica de Viktor Frankl. Ed. Paulinas, São Paulo, 1997.

FRANKL, V. **Psicoterapia para todos**: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Tradução de Antônio Estevão Allgaver. Petrópolis: Vozes, 1990.

GENTILE, Paola. Educação Sexual – Eles querem falar de sexo. **Revista Nova Escola**. Ed. 191, p. 22-29, abril 2006.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAY, David E. **Pesquisa no Mundo Real**. Porto Alegre: Penso, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa em Saúde. 2. Ed. São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ: Editora Rhucitec-ABRASEL, 1993.

OZZELA, Sérgio. Adolescência: Uma perspectiva Crítica. In: **Adolescência e Psicologia**: Concepções, Práticas e Reflexões Críticas, Brasília: 2002.

PALÁCIOS, Jesus. O que é adolescência. In: COOL, César; PALÁCIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 356 p. V. 1: Psicologia Evolutiva.

PCNs: orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

PIGOZZI, Valentina. De que é feita a Adolescência. **Revista Viver Psicologia**, Fevereiro de 2003.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. Educação Sexual na Escola. **Pediatria**, São Paulo, p.44 – 48, 2000, 22(1). Disponível em: <<http://www.pediatrinsaopaulo.usp.br/upload/pdf/451.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2011.

SILVA, Maria do Carmo de Andrade. Formação e desenvolvimento da identidade sexual ou identidade de gênero. In: RIBEIRO, M. (Org.) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde**. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação Sexual e Educação Sexual, 1999.

THIOLLENT, M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo-SP: Editora Polis, 1980.

Questionário aplicado aos alunos

Educação Sexual: uma prática a ser desenvolvida

A Educação Sexual como Prática do Desenvolvimento Sustentável

1. **Qual a sua idade?** _____
2. **Sexo biológico**
 - a. masculino b. feminino
3. **Religião:**
 - a. Católica Romana ()
 - b. Protestantismo histórico ()
 - c. Pentecostal ()
 - d. Espírita Kardecista ()
 - e. Outras ()
 - f. Nenhuma ()
4. **Você já recebeu orientação sexual alguma vez?**
 - a. sim b. não
5. **De quem você recebeu a orientação sexual?**
 - a. família b. amigos c. escola d. outros
6. **Caso a resposta da questão anterior seja a alternativa “d” (outros), escreva por qual meio/de quem recebeu Orientação Sexual:** _____
7. **Você se sente à vontade para expressar a sua sexualidade?**
 - a. Sim b. não
8. **Por quê?** _____
9. **Você entende a sexualidade como:**
 - a. algo natural b. algo imoral c. outros _____
10. **Quais desses atos abaixo você poderia definir como expressão da sexualidade (mais de um pode ser marcado)?**
 - a. Beijar b. namorar c. ato sexual d. alimentar-se
 - e. realizar necessidades fisiológicas f. outros
11. **Você se sente preparado para vivenciar sua sexualidade de modo seguro e saudável:**
 - a. sim b. não
12. **Por quê?** _____
13. **Qual o tempo certo para se iniciar um relacionamento sexual? Justifique.**

14. **O que você entende por Educação ou Orientação Sexual?**

15. **Você gostaria de participar de oficinas sobre Orientação Sexual?**

- a. sim b. não

16. **Por quê?** _____

17. **Você acha que seus pais/responsáveis aceitariam a sua participação nestas oficinas sobre Orientação Sexual?**

- a. sim b. não

18. **Por quê?** _____